



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Raquel Sousa Portela

ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO PSICOTERAPÊUTICO: uma revisão
integrativa da literatura nacional

Palmas – TO

2016

Raquel Sousa Portela
ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO PSICOTERAPÊUTICO: uma revisão
integrativa da literatura nacional

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Wayne Francis Mathews.

Palmas – TO

2016

Raquel Sousa Portela
ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO PSICOTERAPÊUTICO: uma revisão
integrativa da literatura nacional

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II
elaborado e apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em Psicologia
pelo Centro Universitário Luterano de Palmas
(CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Wayne Francis Mathews.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. M.e Wayne Francis Mathews
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. M.e Cristina D'Ornellas Filipakis Souza
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Esp. Sonielson Luciano de Sousa
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas –TO

2016



Dados internacionais da catalogação na publicação.

P843e Portela, Raquel Sousa
Espiritualidade no contexto psicoterapêutico: uma revisão
integrativa da literatura nacional / Raquel Sousa Portela –
Palmas, 2016
51 fls., 29 cm. il.

Orientação: Prof^a M.e Wayne Francis Mathews
TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas. 2016

1. Psicoterapia. 2. Espiritualidade. 3. Revisão de
Integrativa. I. Mathews, Wayne Francis. II. Título. IV.
Psicologia.

CDU: 159.9

À minha avó, Maria do Carmo (*in memoriam*), que tanto me amou e orou por mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor e mantenedor da minha vida. Ele me fez, verdadeiramente, entender o significado do meu verso bíblico preferido: "Não to mandei eu? Sê forte e corajoso; não temas, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é contigo por onde quer que andares" (Josué 1:9). A Ele todo meu louvor e adoração sempre.

Agradeço aos meus pais por terem me proporcionado as oportunidades que eles não tiveram e pelo amor que é sem medidas.

A todos os meus familiares, em especial às minhas tias Rosilene, Odilene, Irislène e Lucélia, pelo incentivo, atenção e respeito aos meus objetivos e sonhos.

Às minhas grandes parcerias de vida, Jean, Rafael, Lêydson, Cecília, Fabrício, Suzane e tantos outros que viveram esse sonho comigo e que respeitaram minha ausência em tantos momentos. Eu os amo!

Às minhas queridas amigas que Deus me deu por meio da graduação, Laura, Thaís, Ana Carolina, Tatiane, Adrielle e Érica, meu muito obrigada pela oportunidade de conviver com todas. Paraphraseando Cora Coralina, digo-lhes que vocês são os lindos pedacinhos coloridos que tecem minha alma.

Um agradecimento especial a Thaís, por tantas contribuições no meu trabalho. Sua dedicação e amizade me deixam sem palavras e meu amor por você é do tipo "Você não está entendendo!".

Ao Ruam, ao me auxiliar com as plataformas científicas e, ter me ajudado, emocionalmente, a não desistir. Como foi bom ter seu apoio!

Agradeço ao Arthur por ter colaborado com seus conhecimentos de informática. Sua ajuda foi fundamental.

Ao Sonielson pela colaboração na construção do referencial da pesquisa e pelas sugestões de leituras fantásticas.

À Cristina, pelo abraço motivador e parceria na estrutura metodológica do meu trabalho. Meus sinceros agradecimentos!

Por fim, quero agradecer profundamente àquele que me recebeu com tanto carinho como sua orientanda. Agradeço-te, Wayne, pelo apoio incondicional e pelo voto de confiança que me deu. Obrigada por me permitir o encontro com a visão sistêmica e por poder escrever, sob sua orientação, sobre espiritualidade, um tema que nos liga enquanto seres humanos. Quanto aprendizado!

Obrigada a todos!

“A espiritualidade se encontra na leveza e na verdade das coisas mais simples e mais grandiosas da vida... No choro de felicidade e de tristeza; no sorriso da criança, do adolescente, do adulto e do idoso; no canto dos pássaros; balanço das árvores; nos sentimentos internos de tormenta e calma. O que seria da vida sem isso? ”

(MARIA APARECIDA MELLO)

RESUMO

PORTELA, Raquel Sousa. **RELAÇÃO DE PSICOTERAPIA E ESPIRITUALIDADE: uma revisão de literatura**. 2016. 46 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2016.

O objetivo geral deste estudo foi realizar uma revisão integrativa de literatura em bases de dados nacionais sobre psicologia e espiritualidade. Propôs alcançar a compreensão panorâmica do que tem sido publicado sobre a relação teórica e prática dos temas citados, a partir da busca nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Observou-se que o número de publicações cresce, paulatinamente, no Brasil. Destacou-se, na teoria, que a espiritualidade é importante em vários sentidos: na conscientização do eu, no entendimento de sentido de vida e até mesmo para a saúde e superação de doenças e enfrentamento de conflitos. As intervenções psicoterapêuticas encontradas foram: relaxamento mental e visualização de imagens mentais com o conceito de espiritualidade; utilização de textos bíblicos para atingir metas terapêuticas, caso o cliente seja previamente adepto aos ensinamentos bíblicos; técnica de *mindfulness* (recurso que visa a consciência de pensamentos, ações e sensações do cliente sem a presença de julgamentos ou críticas) e utilização de histórias em quadrinhos (ajudam na elaboração de conflitos e também no resgate de um sentido espiritual para a existência). Foi sugerida a apropriação de alguns conceitos (complexidade, instabilidade e intersubjetividade) da abordagem sistêmica como recurso para facilitar a aceitação das diferentes formas de expressão da espiritualidade, principalmente no contexto familiar. Elucidou-se, também, que a postura do psicólogo deve estar pautada no respeito ao discurso espiritual, além de atentar-se para utilização de linguagem semelhante à do cliente, portando-se como colaborador e não como especialista ou portador de alguma sabedoria. Ao final, esse trabalho propõe que o tema de espiritualidade seja discutido e trabalhado pelos acadêmicos de Psicologia ainda na graduação, facilitando uma práxis que visa o bem-estar mental e espiritual do cliente/paciente.

Palavras-chave: Psicoterapia. Espiritualidade. Revisão de integrativa.

ABSTRACT

PORTELA, Raquel Sousa. **PSYCHOTHERAPY AND SPIRITUALITY RELATIONSHIP: a literature review**. 2016. 46 p. Term Paper (Bachelor degree) – Psychology course, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2016.

The general aim of this study was to make an integrative review of the literature on national databases about psychology and spirituality. It proposed to reach the panoramic understanding of what has been published about the theoretical and practical relationship of the subjects mentioned, from the search in the databases *Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia* (BVS-Psi) and *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações* (BDTD). It was observed that the number of publications grows, in a timid way, in Brazil. It was highlighted, in theory, that spirituality is important in several meanings: in the awareness of the self, in the understanding of the meaning of life, and even to the health and in overcoming of illnesses and facing of conflicts. The psychotherapeutic interventions found were: mental relaxation and visualization of mental images with the concept of spirituality; usage of biblical texts to achieve therapeutic goals if the client is previously adept to biblical teachings; mindfulness technique (a resource that aims the awareness of the client's thoughts, actions and sensations without the presence of judgments or criticism) and usage of comic books (they help in the elaboration of conflicts and also in the rescue of a spiritual meaning for existence). It was suggested the appropriation of some concepts (complexity, instability, and intersubjectivity) of the systemic approach as a resource to facilitate the acceptance of the different forms of expression of spirituality, especially in the family context. It was also elucidated that the psychologist's position should be based on respect for spiritual discourse, as well as attention to the usage of similar language to that of the client, behaving as a collaborator and not as a specialist or bearer of some wisdom. At the end, this work proposes that the subject of spirituality be discussed and worked by the Psychology students who still on the bachelor degree, facilitating a praxis that aims the mental and spiritual well-being of the client/patient.

Keywords: Psychotherapy. Spirituality. Review of integrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Título, ano e link de acesso das publicações encontradas.....	30
Fluxograma 1 – Fluxograma das publicações incluídas no estudo.....	35
Gráfico 1 – Gráfico dos tipos de publicação dos estudos selecionados.....	36
Gráfico 2 – Gráfico de distribuição das publicações por ano	37
Esquema 1 – Esquema dos principais resultados teóricos da relação entre espiritualidade e psicologia.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência das publicações dos artigos por revistas.....	37
Tabela 2 – Frequência das publicações de teses e dissertações por Universidades.....	38
Tabela 3 – Tipos de pesquisa das publicações analisadas.....	39
Tabela 4 – Fundamentação teórica das publicações.....	39
Tabela 5 – Resultados de posturas e práticas psicoterapêuticas relacionados à espiritualidade.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BVS-Psi	Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia
OMS	Organização Mundial de Saúde
PePSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
<i>SciELO</i>	<i>Scientific Electronic Library Online</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 EMERGÊNCIA DE UM NOVO PARADIGMA NA CIÊNCIA	16
2.1 Cuidado, Ética e Cooperação: princípios para um novo paradigma.....	17
3 BREVE HISTÓRICO DO PENSAMENTO SISTÊMICO	20
3.1 Visão Sistêmica da Família	23
3.2 Pensamento Sistêmico e Espiritualidade	26
4 METODOLOGIA.....	28
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

A palavra espiritualidade, de acordo com Mark Hathaway e Leonardo Boff (2012), origina-se do termo espírito. Eles entendem o fenômeno como uma coexistência de três componentes: matéria, energia e espírito e discordam da ideia de justaposição de corpo e alma, mas assumem uma visão holística e integrada dos aspectos que compõem o sujeito. A espiritualidade, para esses autores, não representa alguns momentos da vida, mas configura-se como uma forma de ser e atuar no mundo.

Mendes (2011) diz que o espírito é a representação de uma força presente em todo ser humano, uma força capaz de ordenar e de criar e, também, de descobrir novos sentidos de vida. Portanto, a espiritualidade seria o “compromisso com a proteção e expansão da vida relacional” (MENDES, 2011, p. 2014). Também é conceituada como “[...] a perspectiva a partir da qual elaboramos a finalidade, o significado e a direção da vida” (HOPKINS et al., 1995, p. 4). Para Leonardo Boff (2006), “a espiritualidade é aquilo que produz dentro de nós uma mudança. O ser humano é um ser de mudanças, pois nunca está pronto, está sempre se fazendo, física, psíquica, social e culturalmente” (BOFF, 2006, p. 14).

Em muitos momentos a espiritualidade é confundida com religião e cabe elucidar que, embora os dois conceitos sejam diferentes, é inegável que a maioria das pessoas tem, na religião, grande influência (positiva ou negativa) na vivência da espiritualidade (HATHAWAY; BOFF, 2012). Por esse aspecto, faz-se importante, também, compreender o fenômeno da religiosidade, embora não seja o foco do trabalho.

Dessa forma, tem-se a religião como “[...] um sistema de crenças, valores, regras de conduta, e rituais. É a maneira pela qual a espiritualidade de uma pessoa se exprime” (HOPKINS, 1995, p.4). Ou seja, a religião não é a espiritualidade em si, mas deve fornecer um ambiente para seu desenvolvimento.

Os autores Hathaway e Boff refletem sobre o mundo científico como portador de fraquezas, principalmente referindo-se à destruição ambiental e apontam a necessidade de um despertar espiritual a fim de que a humanidade tenha novas maneiras de viver no mundo. “Nossa sobrevivência como seres humanos bem como das miríades de outras formas complexas de vida pode depender desse despertar” (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 422).

Os mesmos autores sugerem o “aprofundamento de nossa interioridade ou subjetividade como uma maneira de resolver nossa obsessão com a aquisição de riquezas materiais”. Dizem, ainda, que “[...] para abraçarmos limites precisamos mudar nossa ideia de ‘progresso’; quer dizer, da acumulação de riqueza para o aprofundamento do espírito, a amplificação da diversidade, a reiteração dos laços de relacionamento e reciprocidade” (HATHAWAY; BOFF, 2012, p. 422).

Com base no que já foi discutido e nos autores citados, seguem algumas características do que se entende como espiritualidade nesse trabalho:

- Uma coexistência interconectada e interligada de matéria, energia e espírito;
- Necessidade de transcender o ego (ampliação do senso do “eu”) / senso de compaixão;
- Senso de propósito e de pertencimento. Inclui ligação com a fonte de tudo ou Deus;
- Ela também existe fora de tradições religiosas;
- “[...] a perspectiva a partir da qual elaboramos a finalidade, o significado e a direção da vida” (HOPKINS et al., 1995, p. 4)
- “[...] é aquilo que produz dentro de nós uma mudança” (BOFF, 2006, p. 14).
- “[...] é o compromisso com a proteção e expansão da vida relacional” (MENDES, 2011 p. 2014).

Diante do exposto, o presente trabalho visa responder ao seguinte problema de pesquisa: Como tem sido discutida a relação teórica e prática da psicologia com a espiritualidade em base de dados nacionais de literatura científica?

O objetivo geral deste estudo foi realizar uma revisão integrativa de literatura em bases de dados nacionais sobre psicologia e espiritualidade. Propôs alcançar a compreensão panorâmica do que tem sido publicado sobre a relação teórica e prática dos temas citados, a partir da busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Os objetivos específicos foram: discorrer sobre o conceito de espiritualidade e sua importância no desenvolvimento humano; analisar, qualitativamente, o que os estudos científicos dizem a respeito da relação entre espiritualidade e psicologia; expor as práticas existentes, na psicoterapia, que trabalhem a espiritualidade e propor contribuições da visão sistêmica a respeito da espiritualidade na terapia familiar a partir dos conceitos existentes nessa teoria.

A dimensão espiritual, em muitos momentos, é tratada como assunto tabu na graduação de Psicologia. É um tema pouco discutido, sendo que representa um elemento de suma importância nas futuras intervenções terapêuticas, tendo em vista sua eficácia no cuidado para com a subjetividade do cliente que busca ajuda de um psicólogo (SCORSOLINI-COMMIN, 2015). Além disso,

a experiência da espiritualidade em tratamentos de saúde está associada a períodos mais reduzidos de internação, bem como a melhores níveis de resiliência e desenvolvimento de melhores estratégias de enfrentamento diante de quadros de adoecimento, representando um componente que pode ser investigado de modo mais detalhado na experiência clínica (SCORSOLINI-COMMIN, 2015, p. 115).

É consensual entre vários autores (PERES et al, 2007; BEZERRA et al, 2009; ABDALA et al, 2009; CRUZ, 2014) que existe uma grande relevância no aspecto da espiritualidade em questões de superações de doenças e de situações consideradas de risco, a exemplo disso, tem-se a violência de forma geral (física e psicológica) e o uso abusivo de substâncias psicoativas.

Em uma pesquisa realizada com pessoas de Porto Alegre - RS, verificou-se a existência de uma relação positiva entre saúde e bem-estar espiritual, confirmando que a espiritualidade, agregada a outros aspectos (biológico, psicológico e social) é capaz de promover saúde e prevenir doenças (MARQUES, 2003).

Ainda sobre esse diálogo de saúde, qualidade de vida e espiritualidade, tem-se a neurociência como área que fornece estudos acerca da importância do aspecto espiritual no desenvolvimento humano. Os resultados das pesquisas publicadas valorizam o lado espiritual na forma como as pessoas lidam com suas questões de vida, bem como no processo terapêutico e, reforçando o que já foi dito antes, no aspecto preventivo também (MELLO; ARAÚJO, 2012).

Rompendo com visões de espiritualidade/religiosidade relacionadas à patologia, atualmente esse aspecto é reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma dimensão que auxilia no fornecimento de equilíbrio e de melhoras significativas na saúde e, para tanto, a incluiu como um dos domínios em seu instrumento que avalia a qualidade de vida das pessoas (LOPES; CASTRO; NEUFELD, 2016).

A presente pesquisa é relevante em três aspectos, quais sejam: científico, pessoal e social. O resultado dessa análise é o panorama dos estudos divulgados a respeito da teoria e práticas de espiritualidade no contexto da psicoterapia. Logo,

este assunto torna-se importante para o universo da pesquisa, na medida em que possibilita embasar ações de cunho interventivo utilizando-se da espiritualidade como ponto de partida.

Concernente ao aspecto pessoal, a pesquisa gera benefícios na prática profissional, uma vez que oportuniza uma postura adequada frente às situações que podem surgir na prática clínica da Psicologia ou em outro campo da profissão. Pois, de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo (2014), é vedado ao profissional: “Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2014, p. 9).

Os resultados desse estudo servirão, inclusive, para auxiliar acadêmicos ingressantes do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA, uma vez que vários destes chegam à universidade com dúvidas acerca da postura profissional diante de crenças e valores dos clientes/pacientes e sobre o uso de suas próprias crenças também (dados advindos de relatos da coordenação do curso).

Quanto ao ganho social do presente trabalho, este acontece a partir da oportunidade que a população obterá com o fornecimento de informações advindas da pesquisa. Ou seja, será possível compreender os componentes e as ideias centrais de estudos que abordam espiritualidade e psicologia, facilitando uma práxis, ou seja, uma prática refletida do profissional diante de situações com essa temática.

Assim, o Capítulo 2 aborda as mudanças paradigmáticas da ciência, bem como as características humanas (cuidado, ética, cooperação) como ponto de partida para o entendimento da emergência de um novo paradigma. No Capítulo 3, é apresentado um breve histórico do Pensamento Sistêmico e, também, a visão sistêmica da família, que é considerada uma base no que diz respeito aos aspectos transgeracionais de espiritualidade. O Capítulo 4 apresenta a metodologia do estudo. O capítulo 5 apresenta resultados e discussão da relação entre espiritualidade e psicologia/psicoterapia a partir dos dados coletados nos artigos selecionados. Tem-se os apontamentos e encerramento do trabalho no capítulo 6, trazendo, ainda, contribuições da terapia sistêmica para o entendimento de espiritualidade no contexto familiar. Ao final, encontram-se as referências dos autores citados no trabalho.

2 EMERGÊNCIA DE UM NOVO PARADIGMA NA CIÊNCIA

Por séculos a objetividade tem sido marcada nos estudos científicos por meio de pesquisas com métodos indutivos e de caráter empirista e, conforme afirma Maria Esteves Vasconcellos (2002), “[...] ao adotarem o conhecimento objetivo como fonte única de verdade, as sociedades modernas romperam com tradições milenares e se impuseram uma renúncia a outras fontes de alimento para o espírito” (VASCONCELLOS, 2002, p. 17). Ou seja, os aspectos transcendentais (o que vai além do palpável/concreto) da vida, foram, de certa forma, renegados, enquanto que os dados observáveis e verificáveis cientificamente ganharam forte apreço.

Esse “romper com tradições milenares” pode ser equivalente a romper com o espaço sagrado, que o autor Mircea Eliade (1992) define como sendo o reconhecimento pelo homem de que existem divisões no espaço, existem rupturas e o mundo é configurado por heterogeneidade. Como forma de facilitar o entendimento, o autor cita o exemplo de Moisés, que precisou tirar as sandálias para ficar na presença de Deus em um lugar considerado sagrado e significativo.

A presença de um lugar sagrado significa a possibilidade de orientação em meio ao caos e não relativiza o espaço, enquanto o espaço profano caracteriza-se pela homogeneidade, que dá ao mundo o caráter de relatividade e de incertezas (ELIADE, 1992). Além disso, o mesmo autor diz, ainda, que “[...] já não há ‘Mundo’, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, [...] ‘lugares’ mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade industrial” (ELIADE, 1992, p. 18).

São inegáveis os benefícios advindos dessa ciência objetiva, pois foi a partir desta que o ser humano passou a obter resultados rápidos e precisos, resultados que facilitam a comunicação das pessoas, a locomoção de um lugar para outro, a tranquilidade de pagar uma conta sem sair de casa, entre tantas outras praticidades do cotidiano contemporâneo.

Em detrimento dos benefícios para o comodismo humano, há a exploração em massa dos recursos da natureza em prol das tecnologias.

Por um lado, a tradução tecnológica dos conhecimentos científicos ampliou enormemente a eficácia do homem para viver nos mais variados ambientes. Mas com isso, não só modificou as relações do homem com a natureza, colocando-o cada vez mais dependente do uso da ciência e da técnica, como também tornou iminente o risco de catástrofe ecológica. Tendo dominado o ambiente ecológico, parece

que o homem deslocou as questões de sua sobrevivência para o plano das relações com seus semelhantes. E aí também parece que as contribuições da ciência não têm sido suficientes ou adequadas para afastar de nossa civilização o risco real de sua própria extinção (VASCONCELLOS, 2002, p. 18).

Em “A teia da vida”, sobre as questões contemporâneas, Fritjof Capra (1996) escreve que “quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes” (CAPRA, 2002, p. 23).

Norbert Elias (1994) em “A sociedade dos indivíduos”, já refletia sobre as consequências da vida em sociedade decorrente da correria por perspectivas pessoais, dentre elas tem-se o pensamento mais limitado. A agitação e o medo dessa realidade, de acordo com esse autor, obscurecem as expressões humanas.

O que se faz necessário, portanto, é um novo paradigma que possua uma visão ecológica e entenda que as partes não são dissociadas, mas que são interdependentes. Entendendo isso, é possível enxergar o ser humano como parte fundamentalmente ligada à natureza, ou seja, dependente do processo natural da vida (CAPRA, 1996).

Vasconcellos (2002) elucida que

de fato, a ciência tradicional é inadequada para lidarmos com situações complexas, instáveis, que exigem que reconheçamos nossa própria participação no curso dos acontecimentos. Mas já não é preciso abandonar o domínio da ciência, pois temos um “novo paradigma sistêmico” que, mantendo-se científico, oferece possibilidade de lidarmos com essas situações. E ainda mais, que permite superar-se aquela disjunção entre conhecimento científico e ética (VASCONCELLOS, 2002, p. 22).

Entende-se, portanto, que os sujeitos dos dias atuais estão imersos em uma sociedade globalizada em que suas subjetividades estão necessitadas de cuidado e atenção que a ciência objetiva não dá conta e, por isso, a importância do pensamento sistêmico para acolher as demandas do presente.

2.1 Cuidado, Ética e Cooperação: princípios para um novo paradigma

A partir da leitura do livro “Saber cuidar” de Leonardo Boff (1999), é possível obter embasamento para refletir de maneira crítica a respeito de atitudes da humanidade. É interessante notar que o homem é tido como um ser de várias

aptidões, uma delas é a de sempre evoluir por meio de obtenção contínua de conhecimento e também da aplicação prática deste.

De acordo com o mesmo autor, há duas maneiras do ser humano existir e viver, uma delas é pelo trabalho, no que concerne extrair e intervir no que está à disposição. A outra é o cuidado, que não afeta ou atrapalha o trabalho, mas intervém no aprimoramento ou na forma como esse trabalho é realizado.

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (BOFF, 1999, p. 33).

Atualmente, predomina uma era multi tecnológica, onde o ser humano não mais precisa agir diretamente na natureza, mas possui máquinas que conseguem realizar o trabalho que antes o homem conseguia fazer, só que as máquinas realizam de maneira mais rápida e produtiva, conforme é a sociedade. No entanto, todo esse aparato tecnológico não possui a essência humana da compaixão, benevolência, do cuidado. Boff afirma que o cuidado é um aspecto que está intrinsecamente ligado à formação caracterológica do ser humano (BOFF, 1999) e,

sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, define, perde sentido e morre. Se, ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (BOFF, 1999, p. 34).

De acordo com Maurício Abdalla (2002), o que predomina no ser humano atualmente não é o cuidado, e sim o clima de tensão por meio de trocas caracterizadas como competitivas, no qual o fim é conquistar bens e serviços para si próprio em detrimento da necessidade alheia, tornando o homem um explorador de recursos, tanto da natureza como das relações sociais.

E, segundo o mesmo autor, as populações que ficam em condição de exploração, sendo consideradas as classes subordinadas e que não têm o mesmo poder de troca, veem-se em desvantagem e buscam por justiça ou compensação de direitos. No entanto, as manifestações não acontecem apenas de maneira consciente e planejada, existem grupos que iniciam conflitos considerados irracionais que “[...] concretiza-se na criminalidade, na violência urbana, [...], nas rebeliões em presídios e institutos de readaptação de menores infratores, em algumas guerras civis, no terrorismo, etc” (ABDALLA, 2002, p. 62).

Atualmente vive-se de forma “natural” a insegurança social e as violências advindas do crime. Abdalla, defende que o ser humano, como qualquer outra espécie animal, tende a lutar por sua vida quando se sente ameaçado. Nesse clima de tensão, a população é “levada a disputar o pouco que sobra da acumulação desmedida registrada no mundo globalizado, [...] volta-se contra si mesma em uma tentativa irracional e violenta de sobrevivência” (ABDALLA, 2002, p. 64).

Para Nelson Fiedler-Ferreira (1998), o mundo atual vive uma crise ética, no qual a “competição – e não cooperação – e quantidade – e não qualidade – têm, infelizmente, sido regra e não exceção nos meios de produção intelectual” (FIEDLER-FERREIRA, 1998, p. 32).

Tanto para as pessoas diretamente envolvidas na ciência quanto para a população em geral, Fiedler-Ferreira aconselha a utilização de uma ética solidária, no qual nossa lente deve focar a totalidade, de forma leve, flexível e sensível, pois somente por meio dessa ética cooperativa é que pode haver a superação dos atuais dilemas do ser humano (FIEDLER-FERREIRA, 1998).

Para que a permanência da humanidade seja assegurada (os humanos estão sujeitos à extinção, já que são parte da natureza), é preciso o rompimento do eixo que fundamenta o modo de viver da contemporaneidade, a troca competitiva (ABDALLA, 2002). Em substituição, tem-se o princípio da cooperação, que aborda a sobrevivência sem que haja a exploração entre as pessoas que se juntam por um objetivo comum, a sobrevivência coletiva, sendo que

não se pode concebê-lo como uma adequação à ordem dominante, mas como práxis destrutora do eixo fundamentador da economia capitalista e de todas as relações sociais subsumidas à racionalidade do mercado. É a partir desse eixo que se edificarão as demais formas de relacionamento humano, nossas construções teóricas, nossa ontologia, nossa ética, nosso humanismo, nossa visão sobre o universo e nossa ação sobre a natureza (ABDALLA, 2002, p. 100).

Essa troca de eixos possibilitará, conforme Abdalla (2002), o reencontro do ser humano com sua subjetividade e sua essência, aspectos que foram deixados de lado durante a eclosão e amadurecimento do capitalismo.

3 BREVE HISTÓRICO DO PENSAMENTO SISTÊMICO

O pensamento sistêmico tem suas origens principalmente na Teoria Geral dos Sistemas e na Cibernética, as quais serão brevemente abordadas.

Tendo como precursor Ludwig Von Bertalanffy, a Teoria Geral dos Sistemas surgiu como uma crítica ao mecanicismo existente no século XX, nos anos 20 e, conforme discorre, Lauren Beltrão Gomes et al (2014), o “objetivo da Teoria Geral dos Sistemas se constituía em estudar os princípios universais aplicáveis aos sistemas em geral, sejam eles de natureza física, biológica ou sociológica” (GOMES et al., 2014, p. 7).

Para tanto, é importante o entendimento de sistema que, de acordo com essa teoria, consiste na visão de um todo, no qual as partes são importantes e indissociáveis, e não podem ser analisadas separadamente, como partículas isoladas (VASCONCELLOS, 2002). A partir da ideia de sistema, a Teoria Geral dos Sistemas estabeleceu alguns conceitos básicos para a sua compreensão, sendo eles:

Globalidade: os sistemas funcionam como um todo de maneira coesa e, se existir alguma mudança em um dos subsistemas envolvidos, gera modificações no sistema todo (GOMES et al, 2014). Essa característica compreende que as ações dos elementos, mesmo que seja uma ação isolada, terão influência no todo e também o todo tem influência nos elementos do sistema: “o comportamento do todo irá influenciar, modificar e alterar cada parte componente deste todo” (BARRETO, 2008, p. 187). Só será possível entender um sistema ou elementos deste, quando houver um olhar voltado para o contexto/ambiente no qual o sistema a ser compreendido está inserido.

Não-somatividade: esse conceito implica a inexistência da soma das partes, enfatizando, portanto, que o sistema é um todo complexo (GOMES et al, 2014). “Um sistema é mais do que a soma das partes”, mais que um jogo de palavras essa frase significa que um sistema não é definido por suas partes, por exemplo, uma família não é definida por uma soma (pai+mãe+filhos=família), uma família é estabelecida a partir das relações e interações nela presentes.

A partir da história da multiplicação dos pães, realizada por Jesus Cristo, Adalberto de Paula Barreto (2008) ilustra que quando todas as partes se unem e contribuem com o que podem, acontecem benefícios mútuos.

Cristo, em sua sabedoria, queria que os seus discípulos compreendessem que se o povo tem problemas, ele também tem soluções. Se o povo tem fome, ele também tem alimentos. Nós devemos confiar neste potencial adormecido dentro de cada um. Basta que cada um participe com o que tem, que transporemos montanhas. O segredo da multiplicação vem da partilha (BARRETO, 2008, p. 187).

Nesse sentido, percebe-se que tudo é relação e nada na vida pode ter sentido se visualizado de maneira isolada ou fora do contexto. Esta é uma das visões da abordagem sistêmica.

Homeostase: também conhecida por autorregulação, é o processo de manter os sistemas em estados de equilíbrio, preservando seu funcionamento (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Uma das características de sistema é a capacidade que ele tem de se auto proteger, reequilibrar-se e desenvolver-se autonomamente como forma de lidar com as possíveis agressões internas ou externas (BARRETO, 2008).

Para melhor compreensão do conceito de homeostase, pensa-se em um sistema familiar, no qual “dadas as devidas condições, tem capacidade de gerar recursos para fazer frente aos desafios do cotidiano mantendo a sua integridade como família (BARRETO, 2008, p. 190)”. Nesse caso, para que isso seja possível, faz-se necessária a colaboração dos membros em se escutarem e refletirem juntos em um ambiente de troca de informações e também de energias.

Morfogênese: ocorre de forma contrária da homeostase, a morfogênese é a mudança na organização do sistema, devido informações absorvidas do meio externo (GOMES et al, 2014). Isso pode acontecer quando não há espaço de diálogo e cooperação entre os membros em resolver ou amenizar os conflitos, quando as energias não estão voltadas para o bem coletivo do sistema. De outra forma, a morfogênese também pode ser caracterizada pelo aspecto positivo, quando a mudança gera benefícios e conquista de objetivos (ex: filho morar fora para cursar uma faculdade que tanto almejou).

Circularidade: também conhecida como causalidade circular, bilateralidade ou não-unilateralidade, é a superação do modelo linear, no qual as pessoas buscavam a causa e a conseqüente cura do problema. O que se propõe na circularidade é que as dificuldades ou outros aspectos do sistema são decorrentes de uma série de ações e reações, portanto, não há um único culpado (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Para Fritjof Capra (1996), os “fenômenos não-lineares dominam uma parcela muito maior do mundo inanimado do que tínhamos presumido, e constituem um aspecto essencial dos padrões de rede dos sistemas vivos” (CAPRA, 1996, p. 107). Somando ao que já foi dito, essa característica do pensamento sistêmico, não linearidade, é uma das responsáveis pela mudança da análise quantitativa apenas, para uma análise incrementada pelo aspecto qualitativo (CAPRA, 1996).

Equifinalidade: “Capacidade de atingir um objetivo final de maneiras diversas” (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007, p. 105). Isso acontece porque existem objetivos em comum existentes entre os componentes do sistema. A partir disso, tem-se uma luta coletiva em atingir as metas a partir de diversas estratégias, sendo o mais importante a união dos integrantes para que o objetivo seja alcançado.

Posteriormente à teoria descrita, Norbert Wiener (1894-1964) foi financiado juntamente com outros cientistas para pesquisas de aprimoramento de armamentos de guerra, na década de 40, em plena segunda guerra mundial. Nessa oportunidade, desenvolveu a Cibernética que

se interessa pelo modo de funcionar das máquinas, independentemente da natureza de seus elementos constituintes: focaliza as relações entre os elementos, o modo como estão acoplados ou as regras de conexão entre eles (VASCONCELLOS, 2002, p. 217).

Foi a partir dessa teoria que Wiener e seus colaboradores desenvolveram o conceito de feedbacks, que significa que “à medida que o sistema vai funcionando, vai também sendo informado dos resultados ou efeitos produzidos por seu funcionamento (VASCONCELLOS, 2002, p. 219).

A partir desse mecanismo de feedback, que também pode ser chamado de realimentação ou retroação, tem-se por consequência a autorregulação em busca do equilíbrio. A autorregulação é “importante para garantir a estabilização do sistema, para corrigir os desvios em relação a um estado a ser mantido, ou seja, para a conservação da homeostase, a conservação dos parâmetros do organismo vivo” (VASCONCELLOS, 2002, p. 221).

É importante elucidar que existem dois tipos de feedback, um negativo e outro positivo. O primeiro é utilizado para o sistema manter-se no estado de funcionamento normal e o segundo reforça a mudança no funcionamento, fazendo com que o sistema tenha um desvio ou mudança de direção (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007).

Em síntese, essas teorias foram essenciais para o atual Pensamento Sistêmico, no entanto, têm-se pressupostos diferentes: Complexidade, Instabilidade e Intersubjetividade, em complemento à simplicidade, estabilidade e objetividade. Entende-se que a pessoa está em constante transformação, imersa em um contexto de interrelações e que o profissional ou pesquisador faz parte do processo e não é um mero observador (GOMES et al, 2014).

3.1 Visão Sistêmica da Família

A visão sistêmica é uma das principais linhas teóricas que estuda as relações familiares e que busca compreender a complexidade deste grupo social e, para tanto, define que a família é “[...] um todo, um grupo que tem uma estrutura, uma dinâmica e uma função, cujas relações entre os seus membros tendem ao equilíbrio e são reguladas pelos princípios de retroalimentação” (DESSEN, 2005, p. 115).

Para Sanchez (2012), os laços e vínculos estabelecidos na família, por meio de crenças e valores, formam uma “teia” invisível que é entendida como cultura, a principal responsável tanto pela união das pessoas envolvidas como pelo sentimento de pertencimento a um grupo, sentimento de identificação e inclusão. Partindo desse conceito de teia, entende-se, portanto, que “tudo está ligado; cada parte na visão sistêmica depende da outra” (SANCHEZ, 2012, p. 38). Ou seja, para o entendimento de qualquer questão familiar, de acordo com Sanchez (2012), é preciso a compreensão do desenvolvimento biológico, equilíbrio psíquico e o convívio em sociedade.

De acordo com Maria Auxiliadora Dessen (2005), a família, assim como outros sistemas de seres vivos, possui alguns princípios que são considerados padrão para todo sistema. O primeiro princípio fala que o sistema/família é um todo organizado; o segundo preconiza a circularidade no sistema que tem a ver com a não-linearidade de seus componentes; o terceiro aborda a família como sistema aberto, no qual trocas com o meio externo podem ser realizadas, estas podendo provocar, ou não, mudanças no funcionamento da família, e, por último, tem-se o princípio de que a família é composta por outras relações, constituídas como subsistemas interdependentes, tornando, assim, um sistema complexo.

O conceito de família, para Adriana Wagner (2011), tem passado por modificações, pois a partir da década de 90, a realidade social mudou por conta da inserção da mulher no mercado de trabalho, do aumento de divórcios e de

recasamentos, entre outros aspectos. Isso aponta para a dificuldade em definir família com uma configuração única.

Na direção desses apontamentos, verifica-se que

já não é tão simples identificar e classificar aqueles que “são da família”. A variável consanguinidade, por exemplo, considerada historicamente como a principal e mais importante na definição da composição do grupo familiar, passa a dar lugar a outras, tais como o parentesco, a coabitação, a afinidade, etc. Pode-se dizer que a composição do núcleo familiar, atualmente, alicerça sua definição além dos fatores biológicos e legais. Aspectos da subjetividade que integram os significados da convivência, por exemplo, têm sido um peso explicativo importante na definição da configuração familiar (WAGNER, 2011, p. 21).

Enfatizando essa identificação de família, Sanchez (2012) corrobora ao dizer que o grupo familiar abrange todos os componentes de uma casa, e que qualquer tipo de vínculo de uma pessoa pode ser incluído aos vínculos e sistema de proteção e lealdade de uma família.

Independente de como são identificadas as diversas famílias, o fato é que elas desempenham um papel importante na vida das pessoas, sendo que cada componente possui algum papel específico. Os papéis são atribuídos a partir das relações estabelecidas entre os membros, sendo que estes seguem regras, existentes de maneira oculta ou implícita, que não são claramente discutidas no meio familiar (WAGNER, 2011). Importante sublinhar que quando se fala em papéis familiares, estes não se referem apenas às hierarquias, funções de mantenedores ou ocupações laborais, abrangem, também, as formas de ser, de sentir, perceber e se expressar, são os papéis emocionais.

Um dos princípios gerais de sistema atribuídos à família é o fato de ser um sistema aberto, como dito anteriormente. É importante voltar a esse aspecto para conceituar o que se conhece por fronteira.

A fronteira tem a utilidade de demarcar o que faz e o que não faz parte de um determinado sistema, sendo que todos os componentes inseridos como partes deste são denominados subsistemas. Tudo o que não segue às regras de um sistema ou que está fora da fronteira são considerados como fazendo parte do ambiente, sendo que este atua como contexto e influencia todo o sistema (BREUNLIN; SCHWARTZ; KUNE-KARRER, 2000).

A partir disso, entende-se que é importante que as fronteiras dos sistemas humanos sejam permeáveis, pois os recursos do meio ambiente são portadores “de

energia, de matéria e informação” (BREUNLIN; SCHWARTZ; KUNE-KARRER; 2000, p. 46). É válido dizer, também, que a permeabilidade não precisa ser acompanhada do exagero, pois até essa abertura necessita de limites, para que não haja grandes incômodos. Por exemplo, se houver muita intrusão dos pais em resolução de conflitos do subsistema de irmãos, os efeitos podem ser contrários, obtendo conflitos mais intensos (BREUNLIN; SCHWARTZ; KUNE-KARRER, 2000).

De forma geral, as fronteiras são as responsáveis pela diferenciação dos componentes frente ao sistema geral, servindo de proteção ao indivíduo, pois elas demarcam espaço por meio de regras e limites, sendo que sua falta ou afrouxamento demasiado podem ser responsáveis pelo adoecimento psíquico da família (DESSEN, 2005).

Para Sanchez (2012), as regras e crenças que constituem a família, são as responsáveis pela construção dos mitos familiares. Os mitos englobam realidade e fantasia a fim de ajudar a família a lidar com as necessidades e dificuldades da vida, sendo que é importante que o mito seja permeável a possíveis mudanças.

O mito é conceituado, para Maria Aparecida Penso et al (2008), como um mecanismo de defesa da família. É, também, o possuidor da carga identitária de um grupo familiar, sendo ele que engloba o sistema de crenças, convicções e atribuições de papéis. Penso (2008) entende que a mitologia surge com base nas singularidades genéticas, culturais e históricas de cada família.

Para Sanchez (2012), sobre esse aspecto transgeracional, “cada família constrói mitos em sua história familiar, elaborando um legado que fica como segredo em uma geração e transforma-se no inominável que aparece nas gerações posteriores em forma de expectativas compartilhadas” (SANCHEZ, 2012, p. 42).

Concernente às funções do mito, insta frisar que este possui duas: tem o papel de proteger a família de eventuais perigos externos; e atua como mecanismo de defesa, no qual deforma realidades dolorosas das famílias para evitar conflitos (PENSO et al, 2008). Para que o mito familiar seja passado de geração para geração, tem-se o recurso da memória familiar que garante esse processo de hereditariedade por meio do hábito entre os integrantes da família (PENSO et al, 2008).

Desse modo, a função da família é manter “interações que reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam desvios de comportamento e favorecem a resolução de problemas” (SANCHEZ, 2012, p. 40). Por isso, muitas pessoas

consideram a família como uma base, um porto seguro, um lugar onde é possível encontrar segurança.

3.2 Pensamento Sistêmico e Espiritualidade

Esse tópico tem o intuito de refletir sobre o seguinte questionamento: Por que o Pensamento Sistêmico abre espaço para falar de espiritualidade?

A partir do que já foi discutido acerca do Pensamento Sistêmico, foi possível perceber que este entende o ser humano imerso em um contexto para além de explicações causais, e a espiritualidade é um aspecto da vida humana que transcende a objetividade, estabilidade e a simplicidade, sendo situada no aspecto da complexidade, da intersubjetividade e também da instabilidade.

Afinal, “a espiritualidade é aquilo que produz dentro de nós uma mudança. O ser humano é um ser de mudanças, pois nunca está pronto, está sempre se fazendo, física, psíquica, social e culturalmente” (BOFF, 2006, p. 14). Nesse sentido, percebe-se a instabilidade do ser humano e possibilidade das transformações como objeto de investigação em comum do Pensamento Sistêmico e da espiritualidade.

A espiritualidade é um tema que, de acordo com a autora Sonia Mendes (2011), deve ser trabalhado em contexto terapêutico, tendo em vista que ela faz parte das diversas crenças e valores presentes nos ciclos familiares ou meios e grupos religiosos. A autora considera um tema de relevância na pesquisa porque entende que durante muito tempo esse aspecto não foi lembrado ou valorizado na compreensão do desenvolvimento humano.

É fundamental reconhecermos o sentido religioso como norteador de questões pessoais, políticas, morais e também como orientador do cotidiano frente ao sofrimento. É através do reconhecimento do sofrimento que as pessoas chegam à terapia (MENDES, 2011, p. 203).

Viktor Frankl (1991) aponta que a principal força motivadora do ser humano é a vontade de encontrar o sentido de sua vida. Essa busca, de acordo com o autor, gera tensão no lugar de equilíbrio interior, entretanto, essa é uma tensão positiva no processo de obtenção de saúde mental, pois uma vez que o sentido da vida é encontrado, os seres humanos estarão mais propensos à sobrevivência, ainda que em condições adversas. “O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena [...]” (FRANKL, 1991, p. 96).

A espiritualidade é considerada como a “quarta dimensão da experiência humana, a dimensão que indica que os anseios dos humanos têm de ser conectados com um poder maior ou com um ser divino” (BREUNLIN; SCHWARTZ; KUNE-KARRER; 2000, p. 308). Na perspectiva desses autores, esse tema tornou-se importante de ser discutido, enquanto aspecto psicoterapêutico, a partir do entendimento de que existem muitos clientes em busca de ajuda psicológica por conta de isolamento e da falta de significado em suas vidas.

Conforme Leonardo Boff (2000), “[...] a espiritualidade é aquela pela qual o ser humano se sente ligado ao todo, percebe o fio condutor que liga e religa todas as coisas para formarem um cosmos” (BOFF, 2000, p. 129). Essa concepção correlaciona-se ao conceito de sistema, no qual entende essa ligação como parte de um todo complexo.

4 METODOLOGIA

A pesquisa tem abordagem quantitativa, na medida em que quantifica as publicações encontradas no estudo e qualitativa porque compreende e faz análises dos conteúdos das publicações. Portanto, a abordagem utilizada é a quanti-qualitativa que “permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33).

É uma pesquisa bibliográfica de natureza aplicada, pois proporciona conhecimento que pode ser utilizado na prática. Caracteriza-se, também, como estudo exploratório por permitir aproximação e familiaridade com o problema de pesquisa (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Realizou-se uma revisão integrativa da literatura em bases de dados nacionais, com o objetivo metodológico de expor um panorama do que tem sido discutido a respeito das teorias e práticas dos temas espiritualidade e psicologia. De acordo com Taís Freire Galvão e Maurício Gomes Pereira (2014), a revisão integrativa “[...] é um método que tem como finalidade sintetizar resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente” (GALVÃO; PEREIRA, 2014, p.183).

Para a pesquisa, dois bancos de dados foram utilizados: a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A escolha das plataformas considera a multiplicidade de fontes seguras de pesquisa, bem como a relevância científica atribuída a elas.

Na BVS-Psi encontram-se materiais, principalmente nos Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e no *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. A BDTD possibilita consulta a partir da integração que realiza das teses e dissertações fornecidas por instituições de ensino e pesquisa do Brasil.

Como descritores da pesquisa, foram utilizados: “psicologia e espiritualidade” e “espiritualidade e psicoterapia”. O primeiro descritor com o intuito de buscar as discussões teóricas e o segundo verificar os artigos que abordam a prática psicológica com o tema espiritualidade.

Nas buscas, não foram utilizados filtros de ano de publicação, pois o objetivo foi abranger todos os trabalhos já realizados, já que a literatura sobre o tema trabalhado não é vasta.

Os materiais científicos que foram selecionados passaram pelo critério de inclusão, os quais deveriam conter no título ou no resumo os temas psicologia e

espiritualidade; psicoterapia e espiritualidade, e em alguns casos, o termo religiosidade. Os artigos que geraram dúvida quanto à sua classificação, passaram por análise do trabalho na íntegra, para que nenhuma publicação fosse descartada sobre as temáticas. Os trabalhos excluídos da pesquisa foram os que não tinham relação com o tema, os que não foram possíveis ter acesso à leitura na íntegra e, também, os trabalhos que estavam duplicados (presentes em outras plataformas já pesquisadas).

Quanto à organização do material pesquisado, estes foram categorizados em planilha no programa *Microsoft Excel*, na medida em que essa possibilita visualizar as principais características dos estudos selecionados e, por conseguinte, permite sistematizar e analisar os dados sob uma perspectiva criteriosa dos principais conceitos que possuem relação com o tema em questão. Então, foram elencadas as seguintes categorias de análise: (a) ano de publicação; (b) tipo de publicação (artigo, tese ou dissertação); (c) tipo de pesquisa (bibliográfica ou empírica) e (d) principais resultados e (e) outras informações relevantes.

A partir desses levantamentos, realizou-se um apanhado das ideias centrais das publicações, a fim de contribuir para a classe dos pesquisadores e da população que buscam conhecimento acerca do tema espiritualidade no contexto terapêutico.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão de como aconteceu a pesquisa e as categorias que foram avaliadas, optou-se pela utilização de figuras e tabelas para demonstrar os resultados obtidos. É importante salientar que estas foram expostas a título de ilustração dos conteúdos encontrados. Segue, portanto, os achados mais importantes da pesquisa.

Quadro 1 – Título, ano e resultados das publicações encontradas

Título	Tipo de Publicação	Ano	Natureza do estudo
VELHICE E ESPIRITUALIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	TESE	2012	TEORIA
RESULTADOS: A espiritualidade é um elemento essencial no processo de individuação, ampliação de consciência, autotranscedência, encontro do si mesmo.			
PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: GRUPO TEMÁTICO COM ALUNOS ADVENTISTAS DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA	DISSERTAÇÃO	2014	TEORIA
RESULTADOS: Acadêmicos têm dificuldades em abordar a espiritualidade no atendimento por diversas razões, como o medo de influenciar ou responder ao cliente. Tendência a esquivar-se do assunto no atendimento.			
O LUGAR DE VALORES RELIGIOSOS E A ESPIRITUALIDADE NA TERAPIA COMPORTAMENTAL	DISSERTAÇÃO	2010	PRÁTICA
RESULTADOS: (1) o terapeuta deve aceitar os valores do cliente, e (2) não ensinar os seus próprios valores, embora (3) o terapeuta deva estar consciente de que seus valores estão implicitamente presentes, (4) podendo estes, em algumas circunstâncias, ser essenciais para nortear explicitamente as ações dos terapeutas.			

RELAXAMENTO MENTAL, IMAGENS MENTAIS E ESPIRITUALIDADE NA RE – SIGNIFICAÇÃO DA DOR SIMBÓLICA DA MORTE DE PACIENTES TERMINAIS	DISSERTAÇÃO	2001	PRÁTICA
RESULTADOS: A intervenção psicoterapêutica construída através da integração das técnicas de Relaxamento Mental e Visualização de Imagens Mentais com o conceito Espiritualidade é eficaz para ressignificar a Dor Simbólica da Morte, proporcionando Qualidade de Vida no processo de morrer e morte serena.			
A ESPIRITUALIDADE EM LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL: O ESPÍRITO EM UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA E EXISTENCIAL	ARTIGO	2013	TEORIA
RESULTADOS: O reconhecimento da instância espiritual ocorre, em Logoterapia, de maneira filosófica e psicológica, mas de modo algum de forma religiosa no sentido de julgamentos ou moralismos.			
PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: EXISTE ESPAÇO NO DIVÃ PARA A TRANSCENDÊNCIA?	ARTIGO	2014	TEORIA
RESULTADOS: Os clínicos devem exibir uma atitude de respeito as experiências únicas dos clientes e fazer um esforço para integrar a espiritualidade no processo psicoterapêutico.			
RE-SIGNIFICAÇÃO DA DOR SIMBÓLICA DA MORTE: RELAXAMENTO MENTAL, IMAGENS MENTAIS E ESPIRITUALIDADE	ARTIGO	2003	PRÁTICA
RESULTADOS: O método proposto, integração das técnicas de relaxamento mental e visualização de imagens mentais com os elementos que descrevem a natureza da			

<p>espiritualidade, favoreceu a ressignificação da dor simbólica da morte dos sete pacientes, porque todos puderam ir a óbito com dignidade moral, emocionalmente amparados e mentalmente em paz.</p>			
<p>A INTERVENÇÃO RIME COMO RECURSO PARA O BEM-ESTAR DE PACIENTES OSTOMIZADOS</p>	<p>ARTIGO</p>	<p>2014</p>	<p>PRÁTICA</p>
<p>RESULTADOS: O relaxamento e a visualização de imagens podem, de alguma forma, contribuir para a comunicação das pessoas com a dimensão do sagrado.</p>			
<p>UM TOCO E UM DIVÃ: REFLEXÕES SOBRE A ESPIRITUALIDADE NA CLÍNICA ETNOPSICOLÓGICA</p>	<p>ARTIGO</p>	<p>2015</p>	<p>TEORIA</p>
<p>RESULTADOS: Ampliar o escopo das intervenções e permitir que a dimensão da espiritualidade do terapeuta e do cliente possam emergir como pontos de reflexão, é algo que pode e deve ser evocado desde a formação na graduação.</p>			
<p>ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E PSICOTERAPIA</p>	<p>ARTIGO</p>	<p>2007</p>	<p>TEORIA</p>
<p>RESULTADOS: A dificuldade de integrar esse tema à psicoterapia reside em alguns fatores, tais como: a orientação tradicional de escolas psicoterápicas de que a espiritualidade está fora da esfera da investigação e de conhecimento, a ausência de programas de supervisão e treinamento e o desconforto com os temas espirituais e religiosos por parte dos educadores e profissionais. Contudo, a despeito da abordagem psicoterápica empregada, as pessoas que professam uma fé beneficiam-se dos resultados na psicoterapia.</p>			
<p>INFLUÊNCIA DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE NO CONTEXTO PSICOTERAPÊUTICO</p>	<p>Artigo</p>	<p>2015</p>	<p>PRÁTICA</p>
<p>RESULTADOS: INTERVENÇÕES: compreensão e aceitação do cliente/paciente tal como ele é; não deixar que os valores religiosos do psicoterapeuta/analista interfiram na avaliação ou na condução do cliente/paciente; outra estratégia utilizada pelos psicólogos para trabalhar com a religiosidade/espiritualidade dos clientes/pacientes é a busca de flexibilização da forma como os mesmos lidam com suas crenças. Para tanto, é necessário que a religiosidade/espiritualidade esteja interferindo negativamente em suas histórias pessoais, por manter sintomas, ou por</p>			

dificultar os relacionamentos e impedir a promoção de saúde; expor ao cliente/paciente como este funciona com relação a sua religiosidade/espiritualidade, aumentando seu autoconhecimento; utiliza como argumentos e exemplos situações ligadas à religiosidade/ espiritualidade trazidas pelo indivíduo em questão: deve desenvolver uma abordagem colaborativa com o cliente, na qual o psicólogo sai da posição de “especialista” em direção a uma parceria com ele para que possa aprender sobre suas crenças, familiarizando-se com a linguagem religiosa do mesmo, para ser capaz de entrar na conversa usando esta linguagem; Conforme proposto por alguns dos psicólogos entrevistados, podem-se ainda utilizar trechos da Bíblia da crença do cliente/paciente para exemplificar diferentes ângulos de uma situação, ligados às metas terapêuticas. Para isso, no entanto, frisaram que o cliente deve ser previamente adepto de crenças que seguem a Bíblia, não sendo este um instrumento apresentado a ele pelo terapeuta/analista, mas de conhecimento antecedente.

ESTUDOS PSICOLÓGICOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	ARTIGO	1998	TEORIA
---	--------	------	--------

RESULTADOS: Conceituações da experiência religiosa

ESPIRITUALIDADE E TERAPIA OCUPACIONAL: REFLEXÕES EM CUIDADOS PALIATIVOS	ARTIGO	2015	TEORIA
---	--------	------	--------

RESULTADOS: a espiritualidade faz parte da essência dos cuidados paliativos, pois a sua vivência suscita indagações sobre o significado da vida a relação da humanidade consigo mesmo, com outros e com o universo.

A TERAPIA COGNITIVA E O MINDFULNESS: ENTREVISTA COM DONNA SUDAK	ARTIGO	2012	TEORIA
---	--------	------	--------

RESULTADOS: Pode-se dizer, então, que mindfulness é a habilidade de estar consciente dos seus pensamentos, emoções, sensações e ações, no momento presente sem julgar ou criticar a si mesmo ou a própria experiência. Na Terapia de aceitação e compromisso, o mindfulness é considerado um importante recurso para ajudar o paciente no processo de aceitação. A aceitação neste contexto é diferente da resignação. Refere-se a um processo ativo no qual o indivíduo admite o que acontece consigo sem se apegar aquilo que gostaria que fosse. Trata-se de compreender a realidade percebendo o aparecimento inevitável de pensamentos,

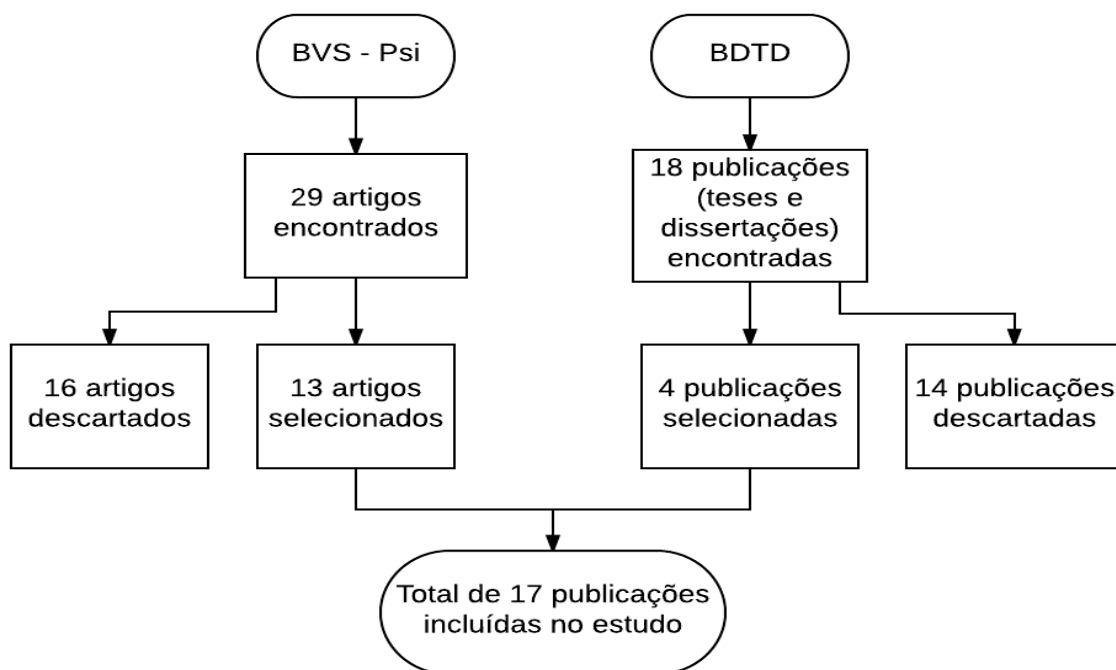
sentimentos e sensações sem evitá-los, rechaçá-los ou julgá-los.			
A SAÚDE E O BEM-ESTAR ESPIRITUAL EM ADULTOS PORTO- ALEGRENSES	ARTIGO	2003	PRÁTICA
RESULTADOS: A análise estatística dos dados mostrou que há uma correlação positiva significativa entre saúde e bem-estar espiritual. As aplicações deste estudo apontam para uma inclusão da espiritualidade na concepção de saúde, unida às dimensões biológica, psicológica e social e confirma que a espiritualidade pode fazer uma importante contribuição para a promoção da saúde e prevenção da doença.			
QUADRINHOS, PSICOLOGIA E ESPIRITUALIDADE: SÍMBOLOS E MITOS ESTRUTURAM O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO E ESPIRITUAL	ARTIGO	2005	TEORIA
RESULTADOS: As estruturas arquetípicas presentes na linguagem mítica e simbólica dos quadrinhos possuem uma função mediadora entre a consciência do leitor e seu universo interior. Deste modo, promovem não somente a elaboração de conflitos, mas também podem auxiliar o leitor a resgatar um sentido espiritual mais profundo para a sua existência. O processo de individuação é metafóricamente representado pela jornada mítica do herói. O herói representa o ego, o eu, ou a consciência, e suas aventuras e desafios representam a experiências necessárias para que ele descubra quem é, qual é a sua missão ou vocação, quais são seus talentos e também suas limitações. Estas experiências necessárias e inevitáveis que marcam a jornada do herói são designadas como arquetípicas ou primordiais: nascimento, morte, infância, adolescência, maturidade, velhice, maternidade, paternidade, etc. Elas fazem parte do repertório coletivo das experiências básicas e arcaicas do ser humano e por isso são encontradas nos mitos e lendas de todas as culturas e em todas as épocas.			
ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NA INTERFACE DA PSICOLOGIA COM ESPIRITUALIDADE-RELIGIOSIDADE	ARTIGO	2008	TEORIA
RESULTADOS: Os resultados apontam que até 2006 os dados da produção			

brasileira na interface psicologia espiritualidade/religiosidade menores em relação ao total da produção. No entanto, esse número cresce a partir do referido período. Assim, consideramos o panorama da produção como crescente, uma informação bastante relevante, em função do importante papel da dimensão espiritual-religiosa no desenvolvimento pessoal.

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro 1 expõe os títulos, ano de publicação resultados das publicações que foram selecionadas para análise. Essa visualização facilita a busca pelos trabalhos na íntegra, caso seja de interesse do leitor.

Fluxograma 1 – Fluxograma das publicações incluídas no estudo

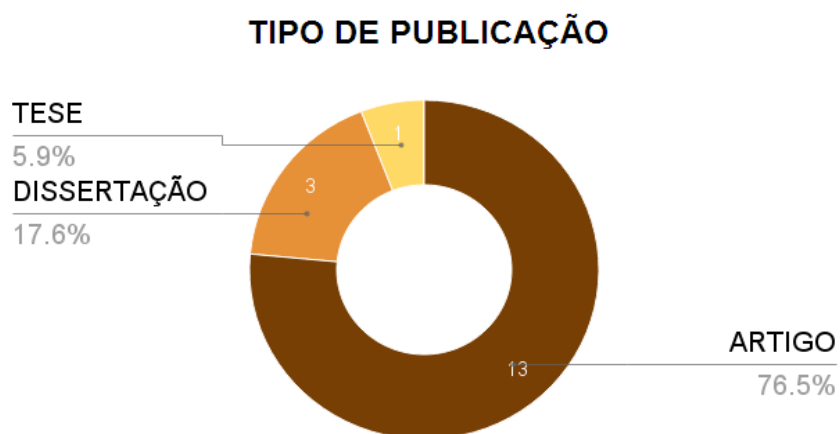


Fonte: Elaborado pela autora.

O Fluxograma 1 apresenta o percurso de seleção pela qual as publicações incluídas nesse trabalho passaram. Dos 47 trabalhos encontrados, restaram 17 estudos que se encaixaram nos critérios de inclusão e que embasam os resultados apresentados nas figuras e tabelas posteriores. O total de 17 publicações revela uma carência de problematização sobre a temática supracitada, bem como a necessidade de ampliar os estudos, tendo em vista a importância do aspecto

espiritual no autoconhecimento, na saúde, no enfrentamento de doenças e conflitos e no sentido de vida das pessoas.

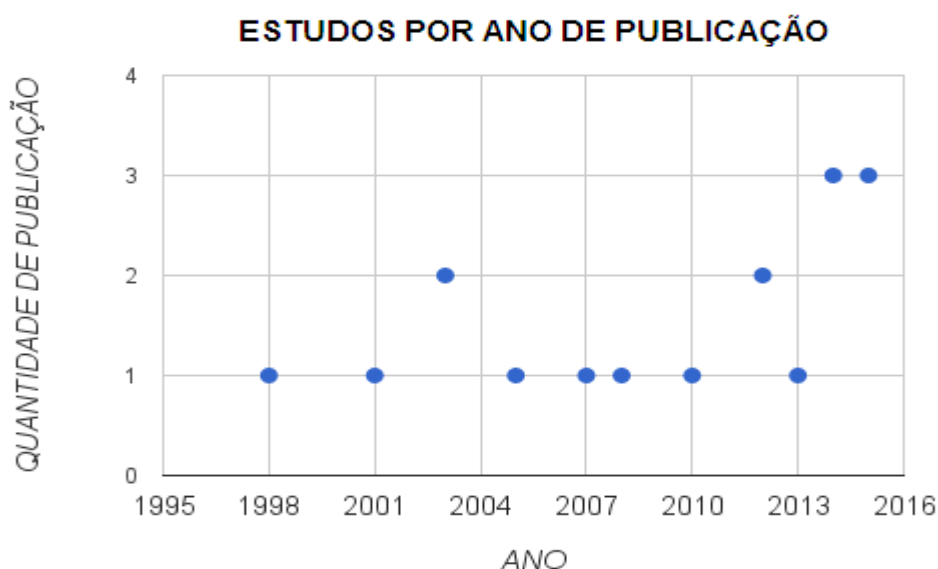
Gráfico 1 – Gráfico dos tipos de publicação dos estudos selecionados



Fonte: Elaborado pela autora.

Os tipos de publicação encontrados, conforme o gráfico 1, foram artigo, dissertação e tese, sendo que o maior número corresponde aos artigos com o total de 13 publicações. As dissertações e teses, com as quantidades de 3 e 1, respectivamente, somam um número relativamente pequeno em relação aos artigos. Ou seja, a temática da espiritualidade no contexto terapêutico ainda é pouco aprofundada nas pesquisas de mestrado e doutorado.

Gráfico 2 –Gráfico de distribuição das publicações por ano



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme é apresentado no gráfico 2, observa-se que há um aumento nos últimos anos (2014 e 2015) de publicações com o tema espiritualidade e contexto terapêutico. É possível considerar que o panorama de publicações desses temas por muito tempo permaneceu estável e que por isso não se pode falar em um crescimento significativo nos últimos anos, mas é válido ressaltar que esse crescimento é lento e tímido considerando a relevância do assunto.

Tabela 1 – Frequência das publicações dos artigos por revistas

Nome da revista	Número de publicações
Revista da Abordagem Gestáltica	1
Revista Psicologia e Saúde	1
Psicologia: ciência e profissão	3
Psicologia Hospitalar	1
Contextos Clínicos	1
Revista da Psiquiatria Clínica	1
Temas em Psicologia	1
Revista o NUFEN	1
Revista Brasileira de Terapias Cognitivas	1

Psicologia para América Latina	1
Revista de Psicologia Vetor Editora	1

Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 2– Frequência das publicações de teses e dissertações por Universidades

Universidade	Número de publicações
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	2
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)	1
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas (UNICAMP)	1

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com a frequência de artigos por revistas, observada na tabela 1, nota-se que apenas a revista *Psicologia: ciência e profissão* possui 3 publicações, enquanto as outras possuem apenas uma. Tendo em vista que a diferença é pequena, supõe-se que não há uma revista que seja dominante no assunto com relação às outras. Sugere-se, portanto, que há possibilidade de crescimento para todas, já que nelas há espaço para tratar de temas que fogem da ciência tradicional e que são totalmente atuais.

Sobre as instituições responsáveis pelas teses e dissertações, tem-se a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e a Universidade Estadual de Campinas-Faculdade de Ciências Médicas (UNICAMP). Dentre elas, a PUC-SP é a que mais tem publicações (apenas uma publicação de diferença) e, somando com a publicação da UNICAMP-Faculdade de Ciências MÉDICAS, fazem do estado de São Paulo, o estado do Brasil que mais contribui para pesquisas na área da espiritualidade relacionada à psicoterapia. Os dados podem ser verificados na tabela 2.

Tabela 3 – Tipos de pesquisa das publicações analisadas

Tipos	Número de publicações
Empírica	6
Teórica	11

Fonte: elaborada pela autora.

Nas análises das publicações, constatou-se que a maioria dos estudos se caracteriza como teórico (tabela 3), no quesito tipo de pesquisa. Isso oportunizou o conhecimento de conceitos importantes dos temas pesquisados, bem como foi possível correlacionar a teoria com o que tem sido feito na prática (presente em discussão posterior). Os estudos de caráter empírico representam pouco mais de 35% do total e nem todos contêm propostas de intervenção, mas utilizam-se do método de pesquisa de campo para entender a importância da espiritualidade.

É válido ressaltar que as propostas de intervenção de atuação na prática psicológica foram retiradas tanto de trabalhos do tipo empírico como de trabalhos teóricos também, tendo em vista que as sugestões são coerentes e possíveis de aplicabilidade.

Tabela 4 – Fundamentação teórica das publicações

Nome das abordagens psicológicas	Número de publicações
Psicologia Analítica	1
Análise do Comportamento	1
Fenomenologia Existencial	1
Psicanálise	1
Abordagem Centrada na Pessoa	1
Pensamento sistêmico	1
Teoria Cognitivo-Comportamental	1
Outras fundamentações Teóricas	10

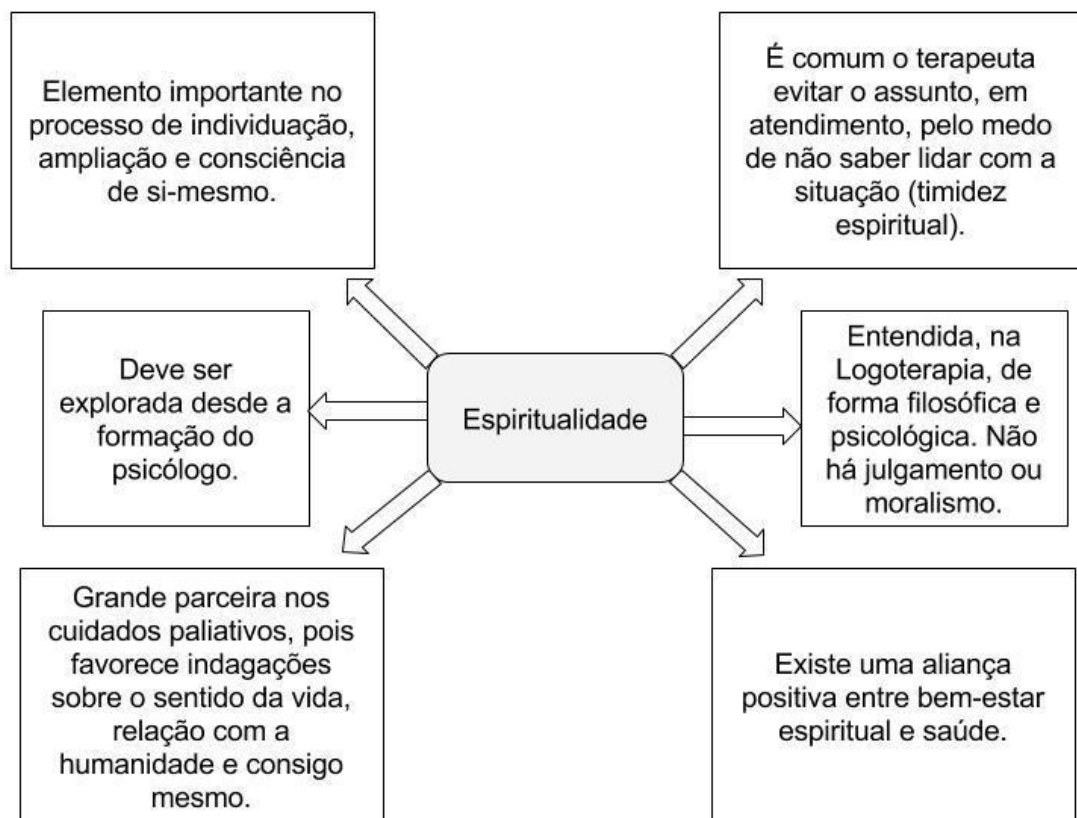
Fonte: Elaborada pela autora.

Não foi possível, de acordo com a análise feita, distinguir qual abordagem psicológica mais contribui ou abre espaço para falar de espiritualidade. Ficou claro, nas leituras realizadas, que apesar de linguagens diferentes, as posturas e intervenções propostas podem ser utilizadas por qualquer abordagem. A categoria

“outras fundamentações teóricas” refere-se a perspectivas diferentes das abordagens de psicologia tradicionais. Nesse item foram contados os trabalhos com fundamentações teológicas, práticas hospitalares e trabalhos em que não houve identificação ao tipo de linguagem.

Todas as teorias (Psicologia Analítica, Análise do Comportamento, Fenomenologia Existencial, Psicanálise, Abordagem Centrada na Pessoa, Pensamento Sistêmico e Teoria Cognitivo-Comportamental) mencionadas na tabela 4 foram utilizadas como apoio teórico nas pesquisas que foram verificadas. Para tanto, segue um esquema dos principais resultados teóricos obtidos que podem ser considerados comuns, tendo em vista que muitos dos conceitos descritos foram encontrados na maioria dos trabalhos.

Esquema 1 – Esquema dos principais resultados teóricos da relação entre espiritualidade e psicologia



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre os resultados teóricos obtidos, cabe elucidar que ficou evidente, na grande maioria dos estudos, que a espiritualidade possui uma relação benéfica com

a saúde (física e mental) das pessoas. Além disso, é vista como aliada nos processos terapêuticos que trabalhem a individualização e conscientização do eu.

É consensual, também, que há um déficit com relação ao aparato acadêmico que a graduação de Psicologia fornece sobre a espiritualidade. Os estudos apontam que os terapeutas tendem a evitar a abordagem de conteúdos espirituais e religiosos em atendimento. A preocupação em não saber lidar com o tema vem, justamente, dessa lacuna vivenciada ainda na formação de graduação.

Respondendo a um dos objetivos desse trabalho, a tabela 5 apresenta dicas de postura profissional e de intervenções terapêuticas que relacionem conteúdo espiritual dos clientes na psicoterapia.

Tabela 5 – Resultados de posturas e práticas psicoterapêuticas relacionados à espiritualidade

Postura profissional	Intervenções terapêuticas
Aceitar e respeitar os valores do cliente/paciente.	Relaxamento mental e visualização de imagens mentais com o conceito de espiritualidade.
Jamais ensinar seus próprios valores ou crenças.	Reflexão junto com o cliente/paciente sobre a forma como ele vive sua espiritualidade, ajudando-o a chegar ao autoconhecimento.
Consciência de seus valores. Ter autoconhecimento.	Utilização de textos bíblicos para atingir metas terapêuticas, caso o cliente seja previamente adepto aos ensinamentos bíblicos.
Esforçar-se para abordar a espiritualidade como ponto de reflexão no contexto terapêutico.	Técnica de <i>mindfulness</i> (recurso que visa a consciência de pensamentos, ações, e sensações do cliente sem a presença de julgamentos ou críticas).
Familiarizar-se da linguagem religiosa e espiritual utilizada pelo cliente/paciente. Dessa forma, mostra-se colaborativo, ao invés de “especialista”.	Utilização de histórias em quadrinhos. Ajudam na elaboração de conflitos e também no resgate de um sentido espiritual para a existência.

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela por si só expõe os resultados das intervenções, mas é importante sublinhar que as técnicas, de maneira alguma, têm o objetivo de doutrinar os

clientes/pacientes, pois sua utilização depende de como o cliente percebe sua espiritualidade e das metas terapêuticas que as práticas visam atingir.

O mais importante, não é a técnica ou estratégia utilizada e sim o resultado final que deve ser o autoconhecimento, entendimento de como funciona o aspecto espiritual para o cliente. Para que isso seja possível, faz-se necessário que o terapeuta tenha consciência de suas crenças e valores e de que isso pode influenciá-lo como pessoa no mundo e na sua postura profissional.

Um dos objetivos dessa revisão de literatura foi propor estratégias de intervenção baseadas na terapia sistêmica a partir de seus conceitos. Diante do que foi exposto sobre espiritualidade, sugere-se a compreensão de algumas características que já foram expostas no presente trabalho, aliada ao atendimento com famílias, sendo elas: complexidade, instabilidade e intersubjetividade.

O aspecto complexidade é muito importante na avaliação e no trabalho com famílias, haja vista que entende os fenômenos como complexos e, para tanto, observa-se todas as interações presentes no contexto. Esse olhar possibilita, ao terapeuta, abster-se de uma visão reducionista e entender a espiritualidade como algo pertencente à singularidade do cliente e os aspectos que pertencem ao coletivo. É importante frisar, aqui, que entender a espiritualidade é entender a forma como ela é vivenciada, seja ela religiosa ou não.

Sugere-se que os terapeutas utilizem o verbo “estar” em vez de “ser”. Esse exercício possibilita entender a família como um sistema em processo, ou seja, não é estático e está sujeito a mudanças. Compreende-se, portanto, o fenômeno da instabilidade (VASCONCELLOS, 2002). Desse modo, será possível perceber os pontos flexíveis das crenças e valores da família e do sofrimento de alguma rigidez espiritual que pode ser trabalhado a partir dessa percepção e da possibilidade de mudança.

Para que o psicoterapeuta possa adquirir ou aprimorar a característica da intersubjetividade do atual pensamento sistêmico, ele deve fazer o seguinte exercício: jamais iniciar uma frase com a palavra “não”, pois isso possibilita o entendimento de que há outras opiniões na qual pode contar. É importante que o profissional compreenda que ele faz parte do processo e que não é o detentor do saber. Portanto, as sugestões de outros são sempre respeitadas (VASCONCELLOS, 2002).

Além do que já foi discutido, o pensamento sistêmico pode contribuir, sobre espiritualidade na terapia familiar, com o entendimento de conceitos que também são básicos na abordagem: circularidade, globalidade, não somatidade, homeostase, morfogênese e equifinalidade.

Como já dito, anteriormente, a circularidade é um posicionamento sistêmico que impede o julgamento causa-efeito, evitando culpados isolados (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Nesse sentido, entende-se que a causalidade circular é dissociada da ideia de autoridade ou hierarquia. A partir dessa conceituação, uma família precisa fornecer uma base segura de desenvolvimento espiritual em que não haja culpabilização ou punição. De forma geral, precisa cooperar para o amadurecimento espiritual individual de cada componente.

Sugere-se que o psicoterapeuta, como facilitador, tem o papel de potencializar a cooperação das famílias a partir de momentos de reflexão, no qual os familiares possam enxergar seus papéis como cooperadores, e não ditadores, do crescimento espiritual do outro.

Outra visão interessante da abordagem sistêmica é de que não existem aspectos da vida de uma pessoa que podem ser analisados de forma isolada e distante do todo do sujeito, característica da não-somatidade. Em decorrência disso, surge outro conceito, globalidade, que entende que só é possível entender um sistema a partir da visualização do contexto/ambiente no qual está imerso (BARRETO, 2008).

Com isso, a espiritualidade não pode ser dissociada do sujeito. A experiência espiritual de cada pessoa perpassa por caminhos transgeracionais, ou seja, deve ser compreendida como um dos aspectos da vida individual e também familiar e social. Então, por que não trabalhar o tema em uma terapia familiar já que é um aspecto que perpassa as gerações? Dizer que a espiritualidade tem característica transgeracional não quer dizer que todos os componentes da família terão formas de expressar ou viver a espiritualidade de maneira unificada ou padronizada, só quer dizer que ela sofre influência familiar.

Entende-se para homeostase (equilíbrio) e morfogênese (mudanças de forma) que estas são características atribuídas a dinamicidade da vida. Por isso, como postura terapêutica no cuidado com sistemas familiares, é de suma importância o entendimento de que as famílias, em geral, já possuem suas formas e mecanismos de solucionar seus problemas e que o papel do terapeuta “é apenas

ajudar a despertar, a lembrar o que eles já sabem e a despertar o que já possuem” (BARRETO, 2008, p. 192). Afinal, os sistemas têm como característica a capacidade de se auto regularem.

Para tanto, em muitos momentos a família encontra-se em dificuldade de reequilibrar-se, e é nesse sentido que o terapeuta deve atuar. Uma das maneiras que a ajuda pode acontecer é o resgate ao objetivo comum do sistema, sendo que quando há um foco grupal, a família caminha para a equifinalidade, no qual buscam diferentes estratégias a fim de conquistarem atingir o alvo. Importante ressaltar que os objetivos podem mudar com o decorrer do tempo, mas isso não é um problema desde que a mudança ocorra de forma coletiva.

Dessa forma, a espiritualidade não é algo imposto, deve ser trabalhada quando for um aspecto que demande atenção e cuidado em terapia. Em alguns momentos ela pode ser esse objetivo que foi perdido pela família e que precise de reflexões de como ressignificar suas experiências.

Assim, com posturas permeadas pelo respeito, o assunto de espiritualidade não será mais visto como tabu e, sim, discutido e pensado em atendimento. Se o sujeito é alvo principal de uma terapia, propõe-se a espiritualidade como aliada, tendo em vista que ela faz parte da pessoa, principalmente no que diz respeito ao sentido de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com foco em responder os objetivos propostos na pesquisa, essa última parte do trabalho visa sintetizar os principais resultados encontrados na análise de artigos, teses e dissertações selecionadas com os temas de psicologia, psicoterapia e espiritualidade. O número de publicações cresce paulatinamente, entretanto, nessa quantidade de estudos foi possível traçar um panorama do que tem sido discutido e praticado sobre o aspecto espiritual em contexto psicoterapêutico.

Destacou-se, na teoria, que a espiritualidade é importante em vários sentidos, na conscientização do eu, no entendimento de sentido de vida e até mesmo para a saúde e superação de doenças e enfrentamento de conflitos. Desse modo, o profissional de psicologia surge como um agente promotor de autoconhecimento e facilitador de espaços que discutam a espiritualidade, principalmente no contexto psicoterapêutico. Elucidou-se, também que a postura do psicólogo deve estar pautada no respeito ao discurso espiritual, além de atentar-se para utilização de linguagem semelhante à do cliente, portando-se como colaborador e não como especialista ou portador de alguma sabedoria.

Importante ressaltar que esse trabalho visou apenas citar as intervenções. Segue, portanto, as principais intervenções psicoterapêuticas encontradas: relaxamento mental e visualização de imagens mentais com o conceito de espiritualidade; utilização de textos bíblicos para atingir metas terapêuticas, caso o cliente seja previamente adepto aos ensinamentos bíblicos; técnica de *mindfulness* (recurso que visa a consciência de pensamentos, ações e sensações do cliente sem a presença de julgamentos ou críticas) e utilização de histórias em quadrinhos (ajudam na elaboração de conflitos e também no resgate de um sentido espiritual para a existência).

Foi sugerida a apropriação de alguns conceitos da abordagem sistêmica como recurso para facilitar a aceitação das diferentes formas de expressão da espiritualidade, principalmente no contexto familiar. Complexidade, instabilidade, intersubjetividade, circularidade, globalidade, não somatividade, homeostase, morfogênese e equifinalidade foram os conceitos trabalhados.

Como sugestão de trabalhos futuros, pensa-se em publicações de relatos de experiência de profissionais que já tenham o hábito de trabalhar com a linguagem espiritual de seus clientes, bem como propor novas práticas ou posturas éticas e

pesquisas que tratem sobre a concepção da espiritualidade com diversos públicos, não apenas no âmbito da psicologia. Trabalhos investigativos sobre a expectativa de graduandos em psicologia sobre essa temática e sugestões de professores e acadêmicos de como trabalhar a espiritualidade na graduação. Trabalhos que investiguem a espiritualidade como tabu na psicologia: será por causa do medo de não ser considerada uma ciência? Será por influência do extremo positivismo? Por falta de informação?

A realização dessa pesquisa, caracteriza-se como uma grande conquista diante das dificuldades que foram encontradas sobre o tema da espiritualidade que é pouco discutida e publicada em âmbito nacional. Antes de atender a interesses científicos de pesquisadores da área, atendeu, primeiramente, à pesquisadora enquanto pessoa que entende o valor da espiritualidade na vida humana.

O fim desse trabalho não supre todas as discussões acerca do assunto. Sugere-se que essa discussão continue e seja alvo de debates e rodas de conversa em cursos de graduação em Psicologia. Além disso, indica-se, também, a inserção de disciplinas na grade curricular do curso de Psicologia que trabalhem questões éticas sobre o posicionamento de psicólogos frente à espiritualidade de clientes/pacientes.

REFERÊNCIAS

ABDALA, G. A. **A Religiosidade/Espiritualidade como influência positiva na abstinência, redução e/ou abandono do uso de drogas.** Revista das Faculdades Adventistas da Bahia Formadores: vivências e estudos, Cachoeira, v. 2, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://seeradventista.com.br/ojs/index.php/formadores/article/view/67/65>> Acesso em 14 mar. 2016.

ABDALLA, M. **O princípio da cooperação:** em busca de uma nova racionalidade. São Paulo: Paulus, 2002.

BARRETO, A. P. Pensamento Sistêmico. IN: **Terapia Comunitária.** Fortaleza - CE: Gráfica LCR, 2008, p. 177-219.

BEZERRA, J; et al. Religiosidade, consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo em adolescentes. **Rev Panam Salud Publica.** 2009. Disponível em: <<http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/9745/09.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 13 abr. 2016.

BREUNLIN, D. C. SCHWARTZ, R. C. KUNE-KARRER, B. M. **Metaconceitos: Transcendendo os modelos de terapia familiar.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano- compaixão pela terra.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Ethos mundial:** um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. **Espiritualidade:** um caminho de transformação. RJ: Sextant, 2006.

CAPRA, F. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética do Profissional Psicólogo,** 2014. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>> Acesso em 18 Abril, 2016.

CRUZ, V. L.P. **Experiências de Jovens com doença oncológica:** o significado da religiosidade e da espiritualidade nos processos e estratégias de coping. Universidade do Porto, 2014. Disponível em: <http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/Upload/PDF9/006978_tese.pdf> Acesso em 13 Março, 2016.

DESSEN, M. A. BRAZ, M. P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A. COSTA-JÚNIOR, A. L. **A ciência do desenvolvimento**

humano: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 113-131.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Editora Ltda, 1992.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Zahar, 1994.

FIEDLER-FERREIRA, N. Ciência, ética e solidariedade. In: CARVALHO, E. A; et al. **Ética, solidariedade e complexidade**. São Paulo: Palas Athena, 1998, p. 29-47.

FRANKL, V. Conceitos fundamentais da logoterapia. In: **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 91-104.

GALVÃO, T. F. PEREIRA, M.. G.. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**. Brasília, 2014, p.183-184. Disponível em: <<http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/ess/v23n1/v23n1a18.pdf>> Acesso em: 26 set. 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2016.

GOMES, L. B. et al. **As origens do pensamento sistêmico:** das partes para o todo. Pensando famílias, v. 18, n. 2, p. 3-16, 2014. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a02.pdf>>. Acesso em 17 Abril, 2016.

HATHAWAY, M. BOFF, L. **O Tao da Libertação:** Explorando a Ecologia da Transformação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HOPKINS, E. **Working with groups on spiritual themes:** Structured exercises in healing (v. 2). Dulluth, MN: Whole Persons Associates, 1995.

LOPES, R. F. F.; CASTRO, F. S. NEUFELD, C. B. A terapia cognitiva e o mindfulness: entrevista com Donna Sudak. **Rev. bras. ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 67-72, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 out. 2016.

MARQUES, L. F. A saúde e o bem-estar espiritual em adultos porto-alegrenses. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2003, vol.23, n.2, pp.56-65. ISSN 1414-9893. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000200009>> Acesso em: 04 out. 2016.

MELLO, M. A. ARAÚJO, C. A. d. **Velhice e espiritualidade na perspectiva da psicologia analítica**. 2012. 148 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) -

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/P_SP_b1b424f80e2d71a16ce21151e62290ab>. Acesso em: 06 out. 2016.

MENDES, S. Terapia familiar e espiritualidade. IN: OSORIO, L. VALLE, M. E. P. **Manual de Terapia Familiar**. Vol. II. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011, p. 203-210.

NICHOLS, M. P. SCHWARTZ, R. C. **Terapia Familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artemed, 2007.

SANCHEZ, F.A. A família na visão sistêmica. In: BAPTISTA, M. N. TEODORO, M. L. M (orgs). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2012, p. 38-47.

SCORSOLINI-COMIN, F. Um toco e um divã: reflexões sobre a espiritualidade na clínica etnopsicológica. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 114-127, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822015000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2016.

PENSO, M. A. COSTA, L. RIBEIRO, E. M. Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In: Penso, M. A. Costa. L. (orgs.). **A transmissão transgeracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção**. SP: Summus, 2008, p. 9-23.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

WAGNER, A; et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.